

OSWALDO MONTENEGRO

A Brasil Telecom
apóia,
com patrocínios
e tecnologia,
projetos que
incentivam a
inclusão digital.

DESERTO E OÁSIS

Pra começar, Brasília é linda! Pôr-do-sol "enorme", lua batendo no lago e espaço. Muito espaço! É linda e fim-de-papo. Não vou falar mais nada!

Tá, vou falar mais: Brasília é o Brasil de traços leves de arquitetura. É o Brasil "não-barroco". Sem abacaxi na cabeça, sem Macunaima e sem Jeca Tatu. É o Brasil que tentou a elegância. Tem defeitos, deve ter e eu não estou a fim de comentá-los. Brasília é diferente. Não se parece com nada. Acontece que todo lugar se assemelha com algum outro. Ouro Preto tem perfume da velha Lisboa, São Paulo é uma espécie de Nova York, sem torres gêmeas desabando. Gramado, na serra gaúcha, tem jeitão de Alemanha, Brasília... Bem, Brasília não dá pra comparar. É deserto e oásis fundidos (onde já se viu isso?).

Lá vai você de carro e quer ir pra direita? Vire à esquerda e passe por baixo da via onde estava (onde já se viu?!).

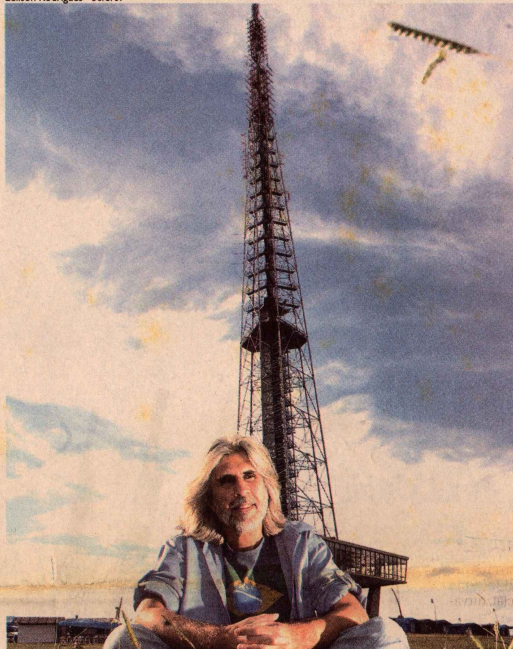
Nossa cidade não nasceu, foi criada. Até o lago foi feito, realizado, previsto. Lá vai o homem brincando de Deus. Nada mais justo, não foi ele criado à Sua imagem e semelhança? Pois então que crie!

Os cariocas fanáticos me esculhambam: Brasília não é natural. São fanáticos pelo "natural". Que bobagem! Terremoto é natural, mosquito é natural, furacão é natural e eu acho uma merda!

Quando cheguei a Brasília, ela era menina. Hoje é uma quarentona charmosíssima. Me lembro da chegada: tudo por se fazer, tudo começando, gente do Brasil todo. Nosso país, que até então de tanto olhar pro mar ficava de costas pra si mesmo, agora se encontrava no seu coração, no seu centro (tudo bem, centro-oeste, mas centro). Dizem que inflacionamos aí, mas não é sobre isso que quero escrever, quero escrever sobre uma cidade reta e mística, futurista, estranha, bela, solitária e onde se fazem amigos. Ah! Tenho grandes amigos em Brasília. Sonhamos no Beirute na madrugada e resolvemos ali todos os problemas do mundo (é claro que o mundo não nos ouviu). Naquela época ninguém era de Brasília. Hoje muitos já são e nós nos tornamos.

Era legal ver naquela cidade, tão aparentemente "não-humana", pessoas como as outras: amando a avó, torcendo no futebol, com medo da morte e namorando. Aos sociólogos deixo a responsabilidade de analisar tudo isto. Quero me juntar aos poetas: "SOS ou SOS?", disse um deles. Eu amo Brasília. Não sou, sou Noel Rosa ferreco sanduro. Diria:

Edilson Rodrigues - 30/3/07



claro que o mundo não nos ouviu). Naquela época ninguém era de Brasília. Hoje muitos já são e nós nos tornamos.

Era legal ver naquela cidade, tão aparentemente "não-humana", pessoas como as outras: amando a avó, torcendo no futebol, com medo da morte e namorando. Aos sociólogos deixo a responsabilidade de analisar tudo isto. Quero me juntar aos poetas: "SQS ou SOS?", disse um deles. Eu amo Brasília, digo eu, se Noel Rosa fosse cangango, diria: "Brasília não quer abafar ninguém, só quer mostrar que faz samba também".

O fato é que é preciso amar "Brasília" como uma ilha de brasilidade em que nós, naufragos benditos, fomos parar. Existe um tipo de afeto que só naufragos e boêmios têm.

A gente se encontra no pôr-do-sol.

Beijos afetuosos.



PS. DEZ DICAS PARA QUEM CHEGAA BRASÍLIA

- 1 Quando se sentir sozinho, lembre-se de que todos se sentem assim em Brasília e isso a torna um ótimo lugar para fazer amizades.
- 2 Faça algum tipo de arte e assista a todo tipo de arte.
- 3 Não tenha a ilusão de morar perto do presidente da República e dos ministros. Você só continuará vendo pelo noticiário.
- 4 Repare todo dia no pôr-do sol.
- 5 Não fale mal de Brasília à toa. Sem ser à toa também não.
- 6 Fique perto da água. Vale tudo: chafariz, lago, piscina, chuveiro ou balde.
- 7 Olhe pro céu à noite. Saia à noite para olhar o céu.
- 8 Não deixe de andar a pé. Este papo de Brasília só ser acessível a veículos é mentira.
- 9 Em vez de ir para o Palácio do Itamaraty para uma cerimônia, para a Catedral rezar e para o Museu de Niemeyer admirar a arquitetura, vá à Catedral para uma cerimônia, ao Palácio do Itamaraty admirar a arquitetura e para o Museu de Niemeyer rezar.
- 10 Não procure o mar, nem mesmo vista pro mar, isso evita frustrações.

LÉO E BIA

(Oswaldo Montenegro)

Gravada por Oswaldo Montenegro em 1980 e por Ney Matogrosso em 2006

No centro de um planalto vazio/ Como se fosse em qualquer lugar/ Como se a vida fosse um perigo/ Como se houvesse faca no ar/ Como se fosse urgente e preciso/ Como é preciso desabafar/ Qualquer maneira de amar varia/ E Léio e Bia souberam amar/ Como se não fosse tão longe/ Brasília de Belém do Pará/ Como castelos nascem dos sonhos/ Pra no real achar seu lugar/ Como se faz com todo cuidado/ A pipa que precisa voar/ Cuidar de amor exige mestria/ E Léio e Bia souberam amar

COISAS DE BRASÍLIA

(Oswaldo Montenegro e Mongol)

Gravada por Oswaldo Montenegro em 1982 e por Zélia Duncan em 2006

Era frio e era claro/ Como a seca de Brasília/ Eu já não sei se amava ou sonhava/ Isso eu sei/ Você era mais louira no meu sonho/ Que em meu olho, eu sei/ Meu olho era escuro/ Pro teu sonho iluminar, eu sei/ A reto e projetado/ Como as linhas de Brasília/ Não diga o que eu já sei/ Eu penso que é mentira, eu sei/ A nossa solidão é a do planeta/ É quase a mesma, eu sei/ Atenda o telefone, ouça meu disco/ Ou saia pra jantar, eu sei/ Minha canção era loucuroa/ Como a alma de Brasília/ Contorna, adoça, põe na boca o fei/ Da louca ilha eu sei/ E é quase branca a minha angústia/ Eu não te amo porque ame/ E quando te encontrar/ Vou perguntar o que valeu

JANELAS DE BRASÍLIA

(Oswaldo Montenegro)

Gravada por Oswaldo Montenegro e Jorge Vercilo em 2006

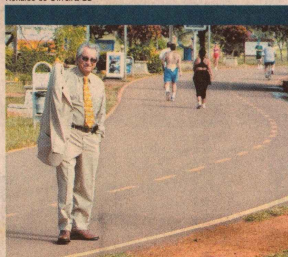
Da janela do meu quarto olho pra Brasília/ Os faróis do carro brilham bem pra lá da Torre/ Lógica da arquitetura, lógica do mundo/ Hoje ainda gosto de olhar pro mundo sem compreender o que meu olho encontra/ Hoje a nossa solidão não me parece triste/ Olha quanta gente comprando o jornal do dia/ Tudo o que eu lhe disse, esqueça/ Tudo o que é preciso/ Hoje eu tive um sonho/ Hoje tá parecido com segunda-feira/ Mas não leve a mal

CONHEÇA A TUI

Fernando Gabeira

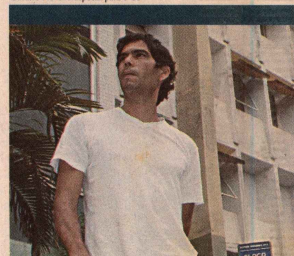
Jornalista, escritor, fotógrafo e político. A tanga de crochê, o romance-reportagem *O que é isso, companheiro?*, o engajamento ecológico, o parlamentar do PV. Não se define Fernando Gabeira com facilidade. Ele nasceu na mineira Juiz de Fora em 1941, foi para o Rio de Janeiro em 1963, esteve exilado em vários países durante 10 anos, voltou ao Rio, passou dois anos na Alemanha no início

Ronald de Oliveira/CB



da década de 90 e agora vive entre a capital fluminense e Brasília. Deputado federal mais votado em seu estado em 2006, com 293.057 votos, Gabeira está na quarta legislatura pelo Partido Verde, eleito sempre com campanhas e projetos pouco ortodoxos, como o da descriminalização do consumo de maconha. Colunista do jornal *Folha de S. Paulo*, ele é um dos mais lúcidos opositores ao presidente Lula. Rompeu com o governo assim que vieram à tona os casos de corrupção no primeiro mandato, no início da crise do mensalão. Fernando Gabeira tem duas filhas – Tâmi e Maya –, publicou 13 livros e plantou muitas árvores.

Gustavo Moreno/Especial para o CB



Cadu Gomes/CB



Stela Maris

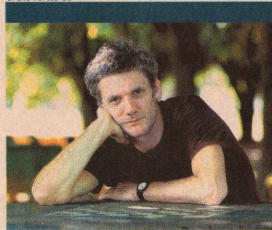
Ela foi aluna de Cyro dos Anjos no curso de Letras da UnB no início dos anos 1970 e lembra com carinho do autor de *O amanuense Belmiro*, que viria a assinar a orelha de seu primeiro livro, *Dentro das lamparinas* (1979). Ela chama-se Stela Maris Rezende, nasceu na cidade mineira de Dolores de



Mais

Ela foi aluna de Cyro dos Anjos no curso de Letras da UnB no início dos anos 1970 e lembra com carinho do autor de *O amanuense Belmiro*, que viria a assinar a orelha de seu primeiro livro, *Dentro das lamparinas* (1979). Ela chama-se Stela Maris Rezende, nasceu na cidade mineira de Dolores de Indaí e morou de 1962 a 2004 em Taguatinga, antes de se mudar para o Plano Piloto. Stela tem mais de 30 livros publicados por 12 editoras diferentes, a maioria deles voltado para o público juvenil, sendo os mais recentes *O artista na ponte num dia de chuva e neblina* (Saraiva) e *Esses livros dentro da gente* (Casa da Palavra). Ganhadora de prêmios importantes como o João de Barro e Bional Nestlé, Stela é professora de inglês, português e artes cênicas da Fundação Educacional do DF. Costuma resumir sua atividade numa frase: "O que eu mais gosto na vida é contar histórias".

Breno Fortes/CB



▲ Alan Pauls

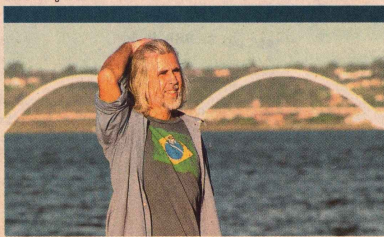
O chileno Roberto Bolaño afirmou: "um dos melhores escritores latino-americanos vivos". O argentino Ricardo Piglia assentiu: "o melhor que poderia ter acontecido à literatura argentina desde a estreia de Manuel Puig". E isso foi antes de Alan Pauls ter escrito o magistral *El pasado*, romance ganhador do prêmio espanhol Hermande e que acaba de ser adaptado ao cinema por Hector Babenco, com Gael García Bernal no papel principal. *O passado* sai no Brasil em junho pela editora Cosac Naify. Por conta do lançamento, Pauls estará em julho na Festa Literária Internacional de Paraty, a Flip. Talvez o sobrenome soe familiar aos cineastas. Também roteirista e ex-crítico de cinema, Pauls é irmão do ator Gastón, que divide a tela com Ricardo Darín no filme *Nove rainhas*, símbolo do novo cinema argentino. Além de ensaios sobre Manuel Puig e Jorge Luis Borges, Alan Pauls tem publicados outros três romances, dentre eles *Wasabi*, lançado aqui pela editora Iluminuras, em 1996.



▶ Vladimir Carvalho

Paraibano de Itabaiana, Vladimir Carvalho nasceu em 1935 e é considerado um dos maiores documentaristas do país. Com mais de 40 anos de atividade, Vladimir dirigiu longas como *O homem de areia*, *O país de São Saruê*, *Conterráneos velhos de guerra e Barra 68*. Ano passado, no Festival de Brasília do Cinema Brasileiro, apresentou o mais recente trabalho: *O engenho de Zé Lins*. Foi professor de Cinema da Universidade de Brasília e fundou a Associação Brasileira de Documentaristas, seção DF. Criou também a Fundação CineMemória, na W3 Sul, que guarda parte expressiva da história do cinema brasileiro. Seu próximo trabalho terá como tema a Esplanada dos Ministérios.

Edison Rodrigues/CB



Cadu Gomes/CB



▶ Oswaldo Montenegro

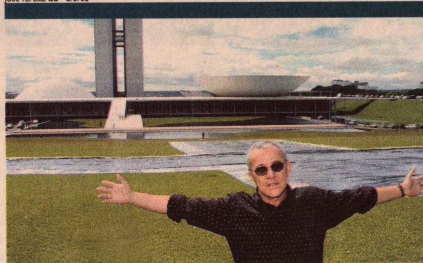
Ainda morador da cidade, o carioca-brasiliense Oswaldo Montenegro começou a fazer a cabeça de muita gente nos anos 80. Os musicais *Veja você, Brasília* (1982), *A dança dos signos* (1983) e *Léo e Bia* (1984) marcaram época. O país conheceu o cantor e compositor nos festivais transmitidos ao vivo na televisão. Em 1979, todo mundo cantou *Bandolins*. Em 1985, *O condor*. Com 34 discos e 14 peças musicais em 31 anos de carreira, o menestrel Oswaldo não é unanimidade para os críticos, mas mantém reputação inabalável entre os fãs pelo país afora.

URMA DE 2007

Dado Villa-Lobos

Filho de diplomatas, Dado Villa-Lobos cursou Ciências Sociais na Universidade de Brasília mas largou o curso para se dedicar à música como guitarrista da Legião Urbana. Deu certo. Convidado por Renato Russo em 1983, entrou para a banda que acabou se tornando o mais bem-sucedido grupo de rock da história do Brasil. Radicado no Rio de Janeiro, dono do selo Rock It!, lançou em 2006 o CD e DVD *Jardim de cactus*, seu primeiro trabalho solo, que inclui composições próprias e regravações.

Isra Varella/CB - 8/3/05



Siron Franco

Natural de Goiás Velho, o artista plástico Siron Franco morou em Brasília nos anos de chumbo da ditadura. Os primeiros traços da capital, porém, ele avistou na inauguração, quando aqui esteve na companhia dos pais. "Achei tudo fantástico, embora já conhecesse a arquitetura de Niemeyer pelas antigas revistas *Cruzeiro* e *Manchete*." Pintor cuja obra desfrutou de maior reconhecimento no exterior do que nos limites nacionais, Siron revelou-se ao longo dos anos um militante contra a violência e as injustiças sociais, praticadas nas ruas ou sob o manto do Congresso Nacional. Desde 1984, realiza intervenções urbanas na Esplanada dos Ministérios, como forma de chamar a atenção para o que teima em lhe ferir a alma. "Nunca fico calado", diz ele. Em 1990, ocupou o gramado do Congresso com centenas de pequenos caixões (no formato da bandeira brasileira) para gritar contra a mortalidade infantil. "Vou acreditar sempre na mãe gentil, o que não quer dizer que pactuamos com a bandalheira".

PUBLICIS

Mais que com tecnologia, a Brasil Telecom se identifica com pessoas.

A Brasil Telecom acredita que o que faz o brasileiro ser um povo tão especial é a mistura de histórias, raças e crenças. Por isso, além dos projetos de patrocínio esportivo, do apoio à cultura e ao desenvolvimento social, a Brasil Telecom investe na universalização da tecnologia, o que aproxima as pessoas e transforma informação em conhecimento. Porque responsabilidade social é apoiar a educação e tudo o que torna uma sociedade mais justa.

Caðu Gomes/CB



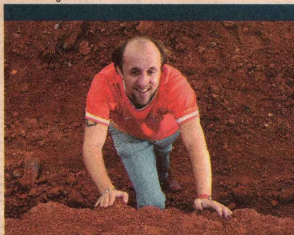
desenvolvimento social, a Brasil Telecom investe na tecnologia, o que aproxima as pessoas e transforma informação em conhecimento. Porque responsabilidade social é apoiar a educação e tudo o que torna uma sociedade mais justa.



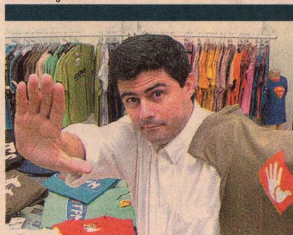
Rosa A. Strausz

Formada em jornalismo pela Escola de Comunicação Social da UFRJ, Rosa Amanda Strausz sempre teve a literatura como paixão. Estreou com a coletânea de contos *Mínimo múltiplo comum*, Prêmio Jabuti em 1991. Quatro anos depois, publicou o primeiro livro para crianças, *Mamãe trouxe um lobo para casa*. Depois, não parou mais: vieram a coleção *Tião Parada*, *Um nó na cabeça*, *Fábrica de monstros*, *Alecrim*, *Sete ossos e uma maldição* e *Uólace e João Victor*, este último adaptado para a televisão em um dos episódios da série *Cidade dos homens*, dirigido por Regina Casé e exibido em outubro de 2002. Rosa edita o portal *Doce de Letra*, considerado o maior site em língua portuguesa sobre literatura infantil (www.docedeletra.com.br). Também escreve livros para adultos, como *Teresa - A santa apaixonada* (2005), biografia romaneada de Santa Teresa D'Ávila.

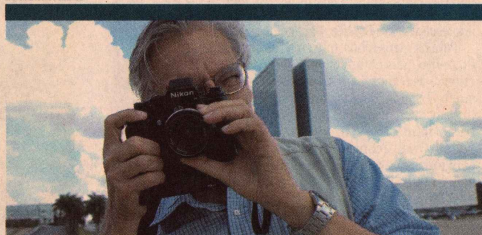
Edilson Rodrigues/CB - 28/3/07



Edilson Rodrigues/CB - 4/4/07



Zuleika de Souza/CB



Carpinejar

Aos 35 anos, o gaúcho Fabrício Carpinejar é um dos jovens poetas brasileiros com maior prestígio na cena literária contemporânea. De tímido burilador das palavras, passou a atrevido "terrorista da linguagem", como ele gosta de dizer. Filho de pais escritores, Carlos Nejar e Maria Carpi, juntou os sobrenomes para escrever uma obra já vasta e bastante premiada: oito livros de poemas, uma antologia, dois títulos para crianças e uma coletânea de crônicas. O livro mais recente se chama *Meu filho, minha filha*.

Marcelo Duarte

Curioso por natureza e por profissão, o jornalista Marcelo Duarte nasceu na cidade de São Paulo em 1964. Trabalha como jornalista desde 1984 e publicou 20 livros, entre eles o *best seller O guia dos curiosos*, que já vendeu mais de 200 mil exemplares. Fundou a editora Panda Books, que tem mais de 100 títulos lançados. Apresenta o programa *Loucos por futebol*, na ESPN Brasil.

Luis Humberto

Arquiteto de formação, o carioca Luis Humberto Pereira vive no Distrito Federal desde 1961, quando começou a fotografar por um motivo prosaico (o nascimento do primeiro filho) e nunca mais parou. Co-fundador da Universidade de Brasília, saiu em 1967 e voltou duas décadas depois como professor de disciplinas da Faculdade de Comunicação como

fotojornalismo, análise da imagem e políticas culturais. Na década de 1970, fez história no fotojornalismo nacional com retratos irônicos e desconcertantes do poder, publicado em revistas como *Veja* e *IstoÉ*. Tem fotos incluídas em 23 livros. Inaugurou a Coleção Senac de Fotografia com uma seleção de suas imagens mais marcantes, incluídas anteriormente em outro livro: *Brasília, sonho do Império, capital da República*. Reuniu reflexões contundentes e líricas sobre o fazer fotográfico em *Fotografia, universos e arrabaldes e Fotografia, a poética do banal*.

DADO VILLA-LOBOS

A VIDA EMBAIXO DO BLOCO

Quando a gente é adolescente, há um momento em que você está tentando descobrir quem você é e o que você vai fazer da sua vida. Uma fase difícil, cheia de dúvidas e problemas. Eu tive a felicidade de passar por essa fase quando morava numa cidade totalmente diferente de qualquer outra da face da Terra: Brasília.

E isso aconteceu durante um momento muito especial da cidade, no final dos anos 1970 até o começo dos anos 1980. Apesar da ditadura, havia um sentimento diferente, porque o projeto urbanístico de Lucio Costa privilegiava a liberdade e eu sentia isso desde a infância. Quando cheguei a Brasília, tinha 6 anos: fui alfabetizado em uma escola-parque. Morei até os 8 anos na 104 Sul, depois mais dois anos em uma casa no Lago Sul. Como era filho de diplomata, passei dos 10 aos 14 anos na França e voltei a Brasília para morar na 213 Sul. Lá está boa parte das minhas memórias de adolescente.

A quadra era um gueto dos diplomatas, eu conhecia bem os meus pares. Estudava no Maristão e ia a pé para o colégio. O Dinho (Ouro Preto, vocalista do Capital Inicial) era meu vizinho de bloco. Minha turma na quadra jogava bola ou então descia do apartamento e ficava na portaria, sem ter nada o que fazer, olhando as meninas passarem, como disse o Renato na letra de *Anúncio de refrigerante*. A vida passava embaixo do bloco.

Numa bela tarde, vi passar uns caras de visual punk que picharam as letras AE, de Aborto Elétrico, no bloco em frente ao meu, e seguiram em frente. Lembro que fiquei impressionado com a atitude dos caras. Só depois eu iria ficar sabendo que eles tinham pichado o nome da primeira banda punk de Brasília, formada pelo Renato e por Fê e Flávio, os irmãos Lemos.

Nessa época, eu não pensava em ser roqueiro. Sempre gostei muito de história, e da interferência do ser humano no processo histórico. Por isso, decidi fazer vestibular na UnB para Ciências Sociais, porque depois poderia estudar antropologia. Passei no vestibular, mas frequentei muito pouco a universidade. Minha primeira banda, Dado e o Reino Animal, chegou a

Edilson Rodrigues - 28/3/07



peio Renato e por Fe e Haviu, os irmãos Lemos. Nessa época, eu não pensava em ser roqueiro. Sempre gostei muito de história, e da interferência do ser humano no processo histórico. Por isso, decidi fazer vestibular na UnB para Ciências Sociais, porque depois poderia estudar antropologia. Passei no vestibular, mas frequentei muito pouco a universidade. Minha primeira banda, Dado e o Reino Animal, chegou a fazer uma apresentação no campus: foram só quatro músicas e acabou. Ninguém gostou muito porque o ambiente da UnB na época ainda era bastante hippie, tinha uma turma que seguia à risca o modelo comunista da Albânia, era uma coisa bem estranha.

Aos poucos fui largando o curso porque, em 1983, tinha sido convidado pelo Renato para entrar para a Legião Urbana. Ensaiamos muito para fazer o meu primeiro show com eles, na Temporada de Rock da ABC, com o Capital Inicial e com a Plebe Rude. Depois começamos a ensaiar com as outras bandas da turma no Brasília Rádio Center. Foi uma época muito legal: a época da turma da Colina.

Paralelamente ao pessoal do rock, saía para andar de bicicleta e jogar futebol com o pessoal da quadra, os diplomatas. Foi quando eu saquei que Brasília era um imenso velódromo, dava ir de bicicleta para todo canto. Até que apareceu o contrato com a EMI e nos mudamos para o Rio de Janeiro, já em 1984. Aí veio a gravação do primeiro disco da Legião Urbana e passamos a vir a Brasília mais para fazer shows.

O mais marcante desses shows, para mim, foi a minitemporada no Teatro Nacional, na Sala Villa-Lobos, no final de 1986, para o lançamento do disco *Dois*. Foi incrível, porque para a gente, que começou tocando no Cafófo, no subsolo de uma comercial da Asa Norte, tocar no Teatro Nacional, um monumento da cidade, era um sonho praticamente impossível de ser realizado. Foi bem bacana. Mas bacana mesmo foi viver a adolescência em Brasília. Bacana não: fabuloso.

Para os meus filhos, que cresceram no Rio, está tudo muito mais complicado. Em um lugar onde uma criança de 6 anos é arrastada sete quilômetros e ninguém faz nada, não dá para ficar tranquilo nunca. E tinha o lance da música, das bandas que estavam ali na sua frente. Eu era fã do Aborto, da Blix, da Plebe, quando tudo aconteceu e acabei me relacionando com toda aquela cena e isso se tornou determinante para a minha formação pessoal.

Quando você mora em Brasília, reclama que a cidade é longe de tudo, que as coisas estão acontecendo no eixo cultural Rio-São Paulo e fica louco de vontade de ir embora. Mas, na verdade, aqueles foram tempos muito felizes, especialmente quando descobri que era um grande prazer tocar com aqueles caras: primeiro com o Bonfá e com o Renato, depois com o Negrete. Por isso, acho Brasília um lugar hiperespecial. E era para ser assim, estava escrito lá no início, em uma das primeiras constituições do Brasil. A cidade tem uma aura, um espírito, uma atmosfera, um landscape, uma paisagem única no planeta. Sou um paladino de Brasília.



Dado
1984